

DESCOLONIZANDO O CORPO NEGRO: QUESTÕES SOBRE AUTORIA E REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Rodrigo da Rosa Pereira
Doutor em Letras – História da Literatura
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

EDI: 12 De(s)colonialidades, Epistemologias do Sul e Estudos Subalternos
rodrigopereira@furg.br

Resumo: Este trabalho busca discutir a literatura afro-brasileira de autoria feminina enquanto portadora de uma ideologia de resistência à imposição de uma tradição literária historicamente discriminatória, tanto em termos étnico-raciais quanto de gênero e mesmo de classe social. A partir da contribuição crítica e ficcional de escritoras negras, verifica-se a insurgência de um contra-discurso frente a representações negativas do corpo negro na literatura brasileira canônica. Destacando a crítica do sistema cultural brasileiro pós-colonial e a defesa da personalidade negra como estratégias discursivas ou representacionais nucleares, a produção literária contemporânea de autoria feminina afro-brasileira atua na desconstrução de estereótipos associados à coletividade afrodescendente no Brasil, com particular engajamento no que diz respeito às próprias mulheres negras.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira, autoria feminina, intelectuais negras, poética quilombola, literatura de resistência.

Recentemente, tem crescido a reflexão sobre a produção de autoria feminina afro-brasileira e o caráter engajado dessa escrita. É importante frisar, de antemão, que as escritoras da literatura afro-brasileira possuem estreita relação com movimentos sociais. Miriam Alves (1995) e Conceição Evaristo (2006), escritoras e pensadoras da literatura afro-brasileira, sinalizam para a repercussão dos Movimentos de Mulheres e Movimento Negro na produção literária de autoria feminina negra. Como as pautas defendidas por esses dois movimentos sociais interessam diretamente a escritoras como elas, já que são marcadas tanto pela identidade de gênero quanto pela identidade étnico-racial, além das questões de classe, é natural que as conquistas empreendidas por ambos os movimento repercutam não apenas no cotidiano dessas mulheres, mas também em sua escrita.

É fato inquestionável que as representações femininas que tradicionalmente figuram nos discursos literários brasileiros foram elaboradas sob a ótica masculina e, mais especificamente, sob a perspectiva de homens oriundos do grupo étnico-racial “branco”, intelectuais diretamente ligados aos ideais eurocêntricos. Devido a isso, verificamos que, durante um longo período, com raras



exceções, o universo artístico-literário brasileiro excluiu a presença de sujeitos femininos, isto é, das mulheres como agentes de sua própria história, fosse enquanto personagens ou escritoras. Aliada à ideologia patriarcal – principal motivo da exclusão das mulheres em geral de ocuparem espaços importantes na tradição literária brasileira, tanto na dimensão autoral quanto no universo ficcional –, no caso das mulheres negras, a ideologia racista será responsável por uma dupla exclusão: de gênero e étnico-racial. Soma-se ainda a exclusão de classe, bastante associada à população negra no Brasil.

Na literatura brasileira, a representação hegemônica da mulher negra, desde o período colonial à contemporaneidade, tem sido construída através de discursos negativamente demarcados por estereótipos duplamente discriminatórios – derivados dos preconceitos tanto de gênero quanto étnico-raciais. Conforme observa Evaristo (2011, p. 139):

[...] talvez, o modo como a ficção revele, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional se dê nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário. A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria funções de força de trabalho, um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou um corpo-objeto de prazer do macho senhor.

No mesmo sentido, Francineide Santos Palmeira (2010, p. 77) observa que “quando não invisibilizadas por completo, as mulheres negras figuram em imagens nas quais são construídas como um corpo-objeto e/ou relacionadas a um passado de escravidão”.

Na esteira das representações negativas ou ausência de representação, Evaristo prossegue:

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso a prole na mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel literário em que ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2011, p. 139)

No ensaio “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira”, Evaristo (2005) aponta de forma mais veemente a negação da mulher negra



estereotipadas da mulher negra:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 53)

Ao refletir sobre o recalque da representação materna da mulher negra na literatura brasileira, Evaristo (2005, p. 202) afirma:

Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e do demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria; e que o corpo da mulher *se salva* pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixá-la no lugar de um mal não redimido. [...] O que se argumenta aqui é o que essa falta de representação materna para a mulher negra na literatura brasileira pode significar. Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?

Apesar de recentes, são diversos os estudos que irão demonstrar que, na contracorrente dos discursos negativos, a literatura feita por autoras negras em geral representam a figura da mulher enquanto sujeito, contestando assim a tradição literária. Em artigo intitulado “Assenhoreando-se do poder da palavra: escritoras afro-brasileiras e autorrepresentações”, Palmeira (2011) defende que por meio da construção de novas formas de representação, as escritoras afro-brasileiras questionam e rasuram os estereótipos sobre as mulheres negras.

De forma mais ampla, Evaristo (2006, p. 111) afirma que um olhar sobre a cultura e o corpo negro imprime aos textos de determinados autores afro-brasileiros um “discurso específico, que fratura o sistema literário nacional em seu conjunto”; assim cria-se “uma literatura em que o corpo negro deixa de ser o corpo do ‘outro’ como *objeto* a ser descrito, para se impor como *sujeito* que se descreve”. Assim, o ocorre que diante de discursos de natureza colonial, que atuam constantemente no sentido de desqualificar os negros e reduzi-los a “corpos-objetos”, busca-se pela palavra poética “alforriar o corpo negro” (EVARISTO, 2006, p. 111).

Ao considerar o universo textual da literatura afro-brasileira, Maria Narareth Soares Fonseca (2011) constata a “intenção de denúncia às vezes, de resistência quase sempre e com gestos de escrita que resgatam memórias

silenciadas pela tradição literária no Brasil” (FONSECA, 2011, p. 262). Destaca também que as imagens do negro circulam com intenções que se marcam pela “autoconscientização” e pela “imposição de ampliar o espaço de visibilidade dos negros e de seus descendentes, independentemente da cor da pele, do tipo de cabelo ou da carnadura do corpo” (FONSECA, 2011, p. 264). Assim, é interessante notar que essa luta por maior visibilidade almeja “reverter as associações que ligam os negros à feiura, à sujeira, ao que está fora dos padrões determinantes de um gosto estético” e “construir uma semântica que esvazie os sentido negativos gravados no corpo negro e nos lugares por onde ele é levado a circular”, configurando assim um “processo de cura pela assunção da palavra denegada” (FONSECA, 2011, p. 265-266). Além disso, a autora delinea a concretização de uma “estética negra”, segundo a qual se procura “apagar do corpo negro os estigmas remanescentes do sistema escravocrata e das compartimentações nas quais a sociedade brasileira aloja os indivíduos marcados pela pobreza – às vezes miserabilidade – e pela cor da pele.” (FONSECA, 2011, p. 264)

De modo similar, Evaristo alega que “a escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra”, resultando sempre na “fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2005, p. 205). Na articulação entre escrita e vivência, tal visão do fazer literário feminino negro compreende os textos “para além de um sentido estético”, à medida que “buscam sistematizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida.” (EVARISTO, 2005, p. 206)

Cristian Souza Sales (2012) também traz contribuições importantes para este debate, ao constatar que, na história literária brasileira, os corpos negros femininos foram inscritos nas relações de gênero estabelecidas pela dominação masculina, sendo submetidos às normatizações sociais, a um conjunto de valores morais e inúmeras tentativas de controle e disciplina de seus movimentos, de seus gestos e de suas atitudes, de sua aparência e de sua sexualidade. Em contrapartida, segundo o autor, na produção afro-brasileira, são inscritas outras formas de dizer estes corpos, distanciadas das representações estereotipadas, etnocêntricas e falocêntricas construídas, historicamente, por uma tradição cultural no Brasil. Para sustentar o argumento, Sales traz como exemplo a escrita de Miriam Alves:

Marcando o seu lugar de enunciação como sujeito e objeto de sua produção literária, evidenciando a sua identidade racial e de gênero, Miriam Alves constitui uma nova forma de escrita literária, a afro-brasileira, delineando imagens de um corpo negro que se revestem de outros significados e sentidos positivos. São configurações poéticas, cujo sujeito enunciativo feminino negro busca estabelecer ligações de um corpo com as suas marcas identitárias, práticas religiosas e culturais de origem afro, superando um conflitivo processo de construção e desenvolvimento de sua autoestima. E a escritora o faz, em princípio, estabelecendo um diálogo com a sua história ancestral. (SALES, 2012, p. 97)

A esse respeito, salientamos também a defesa do seguinte ponto de vista da própria Miriam Alves, o qual se apresenta como uma síntese de seu posicionamento enquanto escritora e intelectual acerca da literatura afro-brasileira de autoria feminina:

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de um outro olhar, debatendo-se contra as amarras ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um Brasilafro feminino, diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo e um sentir mulher com características próprias. (ALVES, 2010, p. 67)

Alves discute ainda que a escrita das mulheres negras extrapola a referência ao corpo dos movimentos feministas brancos dos anos 1960 e 1970 – resumido na frase: “meu corpo me pertence” – que fica compreensível ao lembrarmos que seus corpos eram presos em espartilhos desde o século XIV até princípio do século XX. Diante disso, defende:

Já a palavra de ordem para o corpo feminino da mulher negra seria forçosamente outra tendo em vista o aviltamento do qual foi vítima esse corpo negro que passou pela coisificação, mutilação, primeiro pela força da escravização, e depois seguido da automutilação, para aproximá-lo da estética branca alienígena à sua feição natural. Antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de se desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefinir numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade; de formar, assim, um novo lócus de compreensão sem, no entanto, esquecer a necessidade desse mesmo corpo de comer bem, vestir-se, entre outras coisas. Os versos e os textos realizam a desconstrução desse lócus de confinamento onde ficamos excluídas da noção estética nacional [...]. (ALVES, 2010, p. 71)

Nesse sentido, faz-se imprescindível perceber que as escritoras afro-brasileiras apresentam uma série de representações literárias antes

ausentes, tais como a mulher negra como mãe de seus filhos biológicos e como descendentes de uma linhagem de mulheres guerreiras, fortes e inteligentes que contribuem para a construção da história da afrodescendência e para a construção da história do Brasil, inclusive com participações efetivas nas diversas lutas. As vozes femininas contemporâneas têm se empenhado em elaborar outros modelos e novas imagens para o corpo da mulher negra. Mais do que a cor da pele ou a origem étnica, o elemento definidor dessa literatura reside na criação de um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas das mulheres negras no país. São contos, poemas e romances que buscam outros modos de enunciação do corpo e da cultura negra no Brasil.

Por fim, é crucial que as escritoras afro-brasileiras sejam vistas enquanto intelectuais negras que contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade cultural afrodescendente por meio do instrumento da escrita. Para essas guerreiras, a ficção torna-se um espaço de resistência e insurgência contra modelos literários excludentes, capaz de abrir caminhos antes obstruídos pelos preconceitos, com base na crítica e na reflexão, bem como nas particularidades do universo simbólico afro-brasileiro.

Referências bibliográficas

ALVES, Miriam. Enfim... nós: por quê? In: ALVES, Miriam; DURHAMEM, Carolyn (Orgs.) *Finally us/ Enfim nós: contemporary black Brazilian women writers*. Colorado Springs: Three Continents Press, 1995.

ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado**: literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA; Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-212

EVARISTO, Conceição. Vozes quilombolas: literatura afro-brasileira. In: GARCIA, Januário. (Org.) *25 anos 1980-2005: movimento negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Orgs.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011, p. 131-146.

PALMEIRA, Francineide Santos. *Vozes femininas nos Cadernos negros: representações de insurgências*. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.



SENACORPUS
SEMINÁRIO
CORPUS POSSÍVEIS no BRASIL
PROFUNDO

PALMEIRA, Francineide Santos. Assenhorando-se do poder da palavra: escritoras afro-brasileiras e autorrepresentações. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. 2011.

SALES, Cristian Souza. Pensamentos da mulher negra na diáspora: escrita do corpo, poesia e história. In: **Sankofa** - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano V, Nº IX, Julho/2012.



(83) 3322.3222

contato@senacorp.com.br

www.senacorp.com.br